

Análise da estrutura interna das palavras complexas parassintéticas

Maria do Céu Caetano

Abstract: Parasynthetics are the type of complex words which have received less attention in Portuguese. However, for recent models of morphological analysis, parasyntesis has become a crucial problem. In this short paper, the traditional proposals (e.g. Said Ali [1931] 1964³) will be confronted with other approaches, in particular those in which parasyntesis is understood as circumfixation (e.g. Pottier 1962, Booij 1977, Bosque 1982 and Rio-Torto 1994), or in which parasynthetics are not considered either (e.g., Aronoff 1976 and Scalise 1984).

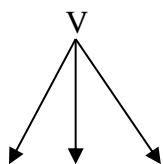
From the analysis of the structures *a-X-ar*, *a-X-ejar* and *a-X-ecer*, the complexity of parasyntetic derivation and, therefore, the difficulty of representing the products generated by this process of word formation, will be emphasized.

1. Parassíntese

Como é geralmente descrito, os parassintéticos são palavras complexas em que ocorrem três constituintes, sendo a derivação parassintética tida como um processo complexo de formação de palavras, não só morfológica, mas também semanticamente.

Nas gramáticas tradicionais (cf., por exemplo, Ali [1931] 1964³, Câmara Jr. 1975, Cunha & Cintra 1984), pela parassíntese¹ formam-se verbos a partir de nomes e adjetivos, recorrendo à «adjunção simultânea de prefixo e sufixo a uma base» (Ali [1931] 1964³: 254).

Esta interpretação tradicional da parassíntese, ancorada em Darmesteter (1875), conduz a uma representação ternária (já que a base prefixal ou a base sufixal não têm existência autónoma):



¹ Nestas gramáticas (cf., por exemplo, Caetano 2003), dentro da Formação de Palavras, o processo da parassíntese é aquele a que foi dedicado um tratamento menos exaustivo. Assim, como processo mais estudado temos a sufixação, seguida da prefixação e da composição e, por fim, da parassíntese.

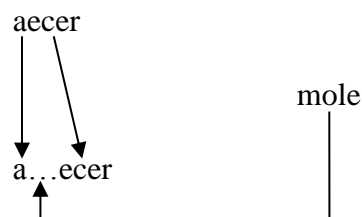
Pref N/Adj Suf

Basílio (1991 e 2004) também segue esta perspetiva, argumentando que a exclusão de um dos afixos implica a inexistência da palavra na língua (por ex. **acalma*, **calmar*).

Parassíntese ou circumfixação?

Para Pottier (1962: 106), Booij (1977: 32), Bosque (1982: 131) e Rio-Torto (1994), entre outros, a parassíntese é um caso de circumfixação, ou seja, um mecanismo de tipo não concatenativo, que pressupõe a anexação de um prefixo e um sufixo a uma base, mas os mesmos são tratados enquanto circumfixos.

O circumfixo é tido, então, como um morfema descontínuo que se separa para a intercalação da base. Em consequência desta análise, temos, por exemplo para o V *amolecer*, a seguinte representação:



Representações Binárias

Em Aronoff (1976: 63), «the morphological operation is phonologically unique», isto é, um afixo uma regra (uma Regra de Formação de Palavras junta um e só um afixo a uma base), excluindo, assim, as estruturas ternárias:

[Pref + [X + Suf]_v]_v

No seguimento do autor anterior, Scalise (1984: 206) defende uma estrutura binária «in two steps: first² suffixation creates a possible, though not necessarily existent word, and second, prefixation generates the rest of the form». Ora, isto acaba por colocar em causa a Hipótese Base-Palavra de Aronoff (1976), segundo a qual uma nova palavra se forma sempre de uma palavra já existente e, quer a nova palavra, quer a palavra que lhe deu origem pertencem a classes lexicais maiores (Nomes, Adjetivos e Verbos, no entender do autor).

Num outro modelo, associativo e estratificado, Corbin (1980: 191-192) considera ser legítimo derivar uma palavra de uma base não atestada mas possível; a não atestação de uma etapa intermediária entre o derivado e a base «ne peut donc pas être un argument en faveur d'une analyse parasyntétique». Para a autora, a formação morfológica e as propriedades semânticas são (relativamente) autónomas: um significado parassintético «n'implique donc pas à coup sûr une analyse morphologique parasyntétique».

Morfema zero

No caso dos Verbos em *-ar*, do tipo de *embarcar* e *agigantar*, alguns autores, como por exemplo Monteiro (1987), defendem a ideia de um morfema zero na posição de sufixo:

embarcar

(em- + barco + Ø + -a- + -r)

agigantar

(a- + gigante + Ø + -a- + -r)

Como se pode observar, estas formações podem ser contrastadas, na opinião de Monteiro (1987), com, por exemplo:

apedrejar

(a- + pedra + -ej- + -a- + -r)

entardecer

(en- + tarde + -ec- + -e- + -r)

em que a posição de sufixo é ocupada por *-ej-* e *-ec-*, respetivamente.

Villalva (2000) aponta para o facto de existirem dois tipos de parassíntese: uma formada por sufixo derivacional, outra por sufixo flexional. Embora não invocando a existência de um morfe zero na posição de sufixo, com esta distinção entre dois tipos de parassintéticos, fornece indícios para uma concordância com Monteiro (op. cit.), visto que, como pode ser observado nos exemplos por si fornecidos, a posição do sufixo está ora preenchida (a), ora vazia (b):

a)

ensurdecer

(en- + surdo + -ec + -er)

b)

abaixar

(a- + baixo + ... + -ar)

ensopar

(en- + sopa + ... + -ar)

avermelhar

(a- + vermelho + ... + -ar)

adoçar

(a- + doce + ... + -ar)

² Sublinhados meus.

Verbos a- X -ar

Seguidamente são apresentados (na tabela abaixo) alguns dados extraídos do *Corpus Informatizado do Português Medieval - CIPM*³, e discutidos aspetos relativos à sua análise.

abaixar (var. abayxar, abaxar)	baixar
abastar (var. habastar)	bastar
acajoar (var. acajõar)	cajoar 'magoar'
acautelar	cautelar
acimar	cimar, encimar
acoimar (var. acooimar, acoomhar, acooymar, acoomiar, acoymar)	coomar 'castigar, censurar'
acostumar (var. acostumar, acostumar, acostumear)	costumar / custumar / hacustumar
afadigar	fadigar
aferrar (var. afferar, afferar)	ferrar
alagar (var. allagar)	enlagar
alargar (var. allargar)	largar
alimpar (Var. alimpar, alimphar, alinpar, alīpar, alīphar, allympar, alympar)	limpar
aluzecer	luzecer, luzir 'amanhecer'
amadurecer	madurecer
amanhecer (var. amanheçer, amanheçer, amanheecer, amanheeçer, hamanhecer)	manhecer
amercear (var. amerçear)	mercear 'compadecer'
anoitecer (var. anocticer, anoutecer, anoytecer)	noitecer
anojar (var. annojar, anogar, anoiar, anoyar, hanojar)	nojar
apeçonhar	Cf. empeçonhar 'envenenar'
apodrecer	podrecer
apontar (var. apomtar)	pontar
aportar	portar
arrugar	Cf. enrugar
asselar	selar
assombrar	Cf. ensombrar

³ Sobre a caracterização e especificidades deste corpus, cf., por exemplo, Xavier, Brocardo & Vicente (1994).

Como se pode observar, dos 25 exemplos selecionados, 22 verbos ocorrem ora com / sem o prefixo, *en-*quanto 4 verbos ocorrem com prefixos diferentes (*a-* e *en-*(*em-*)).

Salvaguardando que é necessário, por um lado, analisar todos os contextos e, por outro, verificar as datas das ocorrências⁴, não se conhecendo parassintéticos formados recentemente e retomando Caetano (2013), em que se concluía que a representação dos parassintéticos continua a ser problemática, colocam-se as seguintes hipóteses:

1. Se todo e qualquer afixo é portador de significado, como explicar:

1.1 a ocorrência de verbos com e sem prefixo?

1.2 o mesmo verbo acompanhado de prefixos diferentes, podendo as formas verbais ocorrerem em contextos em que são comutáveis? Cf., por exemplo:

[séc. 15 DSG] *nunca comecei cousa que nom acimasse a m̃a honra*

[séc. 15 PMP] *Se nom quis as tribulações dos seus christãos scuytar. Se lhes nom quis aas fraquezas das almas encimar.*

2. O prefixo *a-* latino terá sofrido um enfraquecimento semântico e, por isso, temos verbos não prefixados sinónimos? (Cf. Monteiro 1987 e Villalva 2000: 954-955, a qual contrasta formas pertencentes e não pertencentes ao português padrão, como *baixar / abaixar, mandar / amandar*, etc.)

3. Serão o *a-/en-* iniciais reminiscências das preposições que ocorriam antes do verbo no infinitivo e, por reanálise, terão sido (re)interpretados como prefixos?

⁴ Estas permitirão comprovar ou não que a ocorrência do prefixo e do sufixo se dá em diferentes fases dentro do mesmo sistema linguístico, isto é, aferir da sucessividade ou da simultaneidade dos afixos.

Aceitando esta última hipótese, por ser aquela que me parece mais sustentável, muitos destes verbos serão falsos parasintéticos. O sustentar desta hipótese carece, obviamente, de um estudo posterior mais exaustivo. Contudo, Väänänen (2003), citado por Viñas (2012: 177), considera que alguns prefixos, principalmente *a-* e *en-*, só atuam como reforço, o que já aconteceria em latim. Ou seja, o prefixo latino *a-*, oriundo das preposições latinas AD ou AB, já não funcionaria nalguns casos com o valor de ‘direção’ e, no caso de *en-*, procedente da preposição latina ĪN, o seu significado já não seria, nalgumas formas, o de ‘em, dentro’.

Apesar de as questões aqui tratadas exigirem um aprofundamento, pode, no entanto, concluir-se que a representação formal das palavras complexas em que ocorrem prefixos e sufixos proposta pelos generativistas, ainda que por outras razões e com base noutros critérios, se afigura como a mais correta, na medida em que nesta não se admite um processo de formação de palavras em que haja junção simultânea de prefixo e sufixo a uma mesma base.

Referências

Aronoff, M. (1976) *Word Formation in Generative Grammar*. Cambridge Massachusetts: MIT Press

Basílio, M. (1991) *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática, pp. 43-47

Basílio, M. (2004) *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto

Booij, G. (1977) *Dutch morphology. A study of word formation in generative grammar*. Dordrecht: Foris

Bosque, I. (1982) La morfología. In Francisco Abad Nebot & Antonio García Berrio (coord.) *Introducción a la lingüística*. Madrid: Editorial Alhambra, pp. 115-154

Caetano, M. C. (2003) *A Formação de Palavras em Gramáticas Históricas do Português. Análise de algumas correlações sufixais*.

Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade Nova de Lisboa

Caetano, M. C. (2013) Alguns aspetos da formação de verbos em português. *Estudos Linguísticos / Linguistic Studies* 8. Lisboa: Colibri / CLUNL, pp. 107-122

Câmara Jr., J. M. (1975) *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão

Cunha, C. & L. F. L. Cintra ([1984] 1989⁶) *Nova Gramática do Português contemporâneo*. Lisboa: Sá da Costa

Darmesteter, A. ([1875] 1894²) *Traité de la formation des mots composés dans la langue française comparée aux autres langues romanes eu au latin*. Paris: Emile Bouillon

López Viñas, X. (2012) *A Formación de Palabras no Galego Medieval: a afixación*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade da Coruña

Monteiro, J. L. (1987) *Morfologia Portuguesa*. Fortaleza: EDUFC

Pottier, B. (1962) Remarques sur les limites de l'analyse formelle. In *Miscelánea homenaje a André Martinet. Estructuralismo e Historia*. La Laguna: Universidad de La Laguna, vol. III, pp. 167-170

Rio-Torto, G. M. (1994) Formação de verbos em português: parassíntese, circunfixação e/ou derivação?. In *Actas do IX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (Coimbra, 1993). Lisboa: Colibri / APL, pp. 351-362

Said Ali, M. ([1931] 1964³) *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Edições Melhoramentos

Scalise, S. ([1984] 1986²) *Generative morphology*. Dordrecht: Foris Publications

Villalva, A. (2000⁵) *Formação de palavras: afixação*. In Mateus et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, cap. 23, pp. 939-967

Xavier, M.F., M.T. Brocardo & M.G. Vicente (1994) CIPM - Um Corpus Informatizado do Português Medieval. In *Actas do X Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Évora: APL, pp. 599-612